

Os Santos Mártires de Évora

Inventário da Arquidiocese de Évora

The holy martyrs of Évora

Artur Goulart de Melo Borges



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/349>

DOI: 10.4000/cultura.349

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2010

Paginação: 201-210

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Artur Goulart de Melo Borges, « Os Santos Mártires de Évora », *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 04 dezembro 2013, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/349> ; DOI : 10.4000/cultura.349

Os Santos Mártires de Évora

*Artur Goulart de Melo Borges**

Os lugares de culto

Em 1308, o bispo de Évora, D. Fernando II, consagrava na sua Sé o altar-mor à Virgem Santa Maria e uma série de altares dedicados a vários santos, entre eles um ao mártir ebo-rense Vicente, e suas irmãs Sabina e Cristeta. A lápide comemorativa, hoje incrustada numa das paredes do cruzeiro da catedral, especifica, para além do da Virgem Santa Maria, todos os outros: São Bartolomeu, São João Baptista, São Lourenço, São Juliano, São Bonifácio e Santa Luzia, a que se acrescentou mais tarde São Manços. Trata-se da primeira referência documental conhecida à devoção dos mártires eborenses.

Nova referência aos três irmãos mártires só vem a encontrar-se mais de um século depois, no Livro 3.º dos aniversários de 1470, desta vez numa alusão ao altar como forma mais precisa de localizar um enterramento. Segundo informação do Prof. Doutor Joaquim Lavajo, a quem devo a gentileza destes dados e que prepara um extenso trabalho sobre a história da Catedral, parece inferir-se do texto que o altar estaria situado no esteio do arco triunfal do lado do evangelho.

No final do século XV, o estado ruinoso de parte do edifício da Sé levou o bispo D. Afonso de Portugal (1485-1522) a abalançar-se a grandes obras de restauro, depois de obtida a conveniente autorização papal. Por essa altura devem ter sido alteradas e desmontadas algumas das capelas, pois em 1537, na primeira visitação à Sé do Cardeal Infante D. Afonso (1523-1540), apesar da minúcia da enumeração e descrição de todas as capelas, a dos Santos Mártires Vicente, Sabina e Cristeta não é mencionada. Não temos dados suficientes para saber se isso se terá devido apenas por exigência das referidas obras ou se não se estaria perante uma diminuição da devoção aos santos eborenses. O que sabemos, sim, é que no século seguinte a devoção iria ter um grande incremento.

Ao que se supõe, no pontificado de D. João de Melo (1564-1574), que se seguiu ao primeiro período de arcebispado do Infante D. Henrique (1540-1564), a disposição interior da Sé foi alvo de profundas alterações, sendo construídas nove capelas laterais, seis do lado da epístola e três do lado do evangelho, em substituição dos antigos altares adossados

* Inventário da Arquidiocese de Évora.

às colunas da nave central. Só permaneceu até hoje o de Nossa Senhora do Ó. Ao mesmo tempo desapareceram as antigas frestas dando lugar a janelões altos e largos ao gosto da época. A quarta capela do lado da epístola era precisamente a dedicada aos santos mártires Vicente, Sabina e Cristeta. Como todas as outras foi construída em arco de volta perfeita penetrando nas grossas paredes laterais, tendo sido posteriormente fechada com grades de ferro e afrescada (D. Frei Luís da Silva Teles, 1691-1703) e adornada com uma estrutura retabular de talha dourada a emoldurar um painel pictórico representando os três irmãos mártires e Santo António de Lisboa, hoje exposto no Museu de Arte Sacra da Sé. Apesar da diminuição do culto, assim permaneceu como sinal evidente da devoção eborense até aos anos 40 do século passado, quando a Direcção dos Monumentos Nacionais resolveu voltar a dar à igreja, pretensamente, o seu aspecto primitivo, repondo as antigas frestas e fazendo desaparecer todas as capelas, enchendo todos os vãos, desmontando edifícios anexos, apagando irremediavelmente os testemunhos de vários séculos de história da catedral eborense.

Não se reduziu apenas à Catedral o culto aos três irmãos mártires. Um documento notarial de 1459 afirma que o Cabido da Sé “deu hua casa (...) pera se fazer em ella a Igreja de Sam Vicente...” e terá sido esta a origem da primitiva igreja mandada construir por Luis Loy, da casa do Infante D. Henrique e porteiro do Cabido. Vários documentos até ao final do século XV já fazem menção da Travessa de São Vicente ou de confrontações prediais com a ermida. André de Resende na sua *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, publicada em 1553, lamenta-se do mau estado da construção:

en esse tempo tivemos tres nobilíssimos cijdadãos s. hos gloriosos martyres Vincentio e suas hirmãas Sabina e Christheta, nados e moradores en esta cijdade, en haquella pobre hermidida que de seu nome se chama. Do que eu por ha parte que me cabe da patria: muitas vezes hei vergonha, e bee olhado, ha cijdade devia haver por affronta non ha teer tanto tempo ha melhorado. (Cap. IX)¹

A igreja, sufragânea da freguesia de São Pedro, em acto público notarial de 13 de Julho de 1559, perante os responsáveis paroquiais, mordomos da confraria de São Vicente e representantes municipais, será desanexada com a condição de nunca ser paróquia, nem ter pia de baptizar, nem prejudicar a igreja matriz, e entregue o seu padroado à Câmara porque “sendo o dito Santo natural desta cidade, e nacido na dita Casa e Igreja de São Vicente, e padroeiro

¹ RESENDE, André de – *História da Antiguidade da Cidade de Évora*. Évora: André de Burgos, 1553. Disponível em www.bdalentejo.net/BDABra/BDADigital/Obra.aspx?id=386#

da terra, posto que assim fosse, a sua casa estava muito pobre assim de ornamentos como de templo, e todo o mais que convinha, e era necessário para serviço e honra do dito Santo (...) porque nisto farião serviço a Deus e à cidade e Povo della muita esmola e mercê.²

Será já por iniciativa e empenho da Câmara que, a instâncias de André de Resende que contribuiu com doação testamentária, no final do segundo quartel do século XVI, a igreja será totalmente remodelada, de três naves e capela-mor funda, e retábulo de alvenaria com pintura mural representando os três mártires. Foi encontrado em 1965 já muito destruído ao ser desmontado e restaurado o actual retábulo quinhentista do início da década de 90. O visitador do arcebispado, Mestre Gaspar Gomes, em Dezembro de 1597, já acusa a presença deste último retábulo: “no Altar moor hum Retavollo novo já pintado muito grande e estaa ainda hum pedaço por acabar de dourar e pintar (...)”. Já no início do século XVII, desapareceram dois painéis, no primeiro nível do retábulo, dando origem a dois nichos onde foram colocadas as imagens das santas Sabina e Cristeta. O retábulo anterior, de que existe fotografia, voltou a ser escondido pelo actual, de estrutura clássica de madeira entalhada em planta plana, três tramos, banco com duas pequenas tábuas laterais, dois corpos, o primeiro com três nichos, o segundo com três painéis e ático rematado no arco da abóbada, com painel no fecho do tramo central e molduras triangulares simples laterais. Na parede do lado do evangelho, uma pedra de granito, saliente, e hoje protegida por caixa envidraçada, mostra as pretensas e milagrosas pegadas do Santo ao renegar Júpiter.

É importante referir, tendo em conta a dependência do município da Igreja de São Vicente e as motivações de ordem de cidadania que podem ter estado na origem desta relação, que a igreja, em capela do lado da epístola, tem o altar de Nossa Senhora da Vitória, mandado construir pela respectiva confraria. Toda a decoração do entalhado, de motivos bélicos, relembra o histórico facto. Segundo a tradição, a confraria foi instituída após a batalha do Salado, pelo bispo D. Martinho II. Extinta no tempo de Filipe II, foi restaurada pelo arcebispo D. Alexandre de Bragança e hoje já não existe.³

Quem são os mártires de Évora?

Ho flos sanctorum em lingoajem português, publicado em Lisboa em 1513, no fol. CCXLVII, descreve “A vida e paixã dos sanctos tres irmaãos martires .s. vincente: sabina: e cristeta

² ESPANCA, Túlio – Fundações e Evolução Histórica da Igreja dos Mártires de Évora: S. Vicente, Sabina e Cristeta. *A Cidade de Évora*. 29-30 (1952) 472-483.

³ ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, pp 178-180.

naturaes da cidade de Évora”Trata-se da primeira narração em português da vida dos santos mártires.⁴

No início do século IV, o governador romano da Lusitânia, Daciano, homem perverso e cruel, perseguia os cristãos. Em Évora, tendo sido informado da existência de um jovem Vicente que, com suas irmãs Sabina e Cristeta, adoravam a Cristo, mandou prendê-lo e interrogou-o sobre a sua fé, acusando-o de blasfemar por não adorar os deuses. Ordenou que o conduzissem perante a estátua de Júpiter para que sacrificasse ao grande deus, se não seria entregue à morte. Ao chegar junto da estátua, a pedra da base em que pôs os pés amoleceu como cera deixando impressas as suas pegadas. Perante tal maravilha, não se cansavam os soldados que o acompanhavam de proclamar que “não há outro Deus senão o que Vicente adora”. Não se atreveram a matá-lo, levando-o para a prisão, onde foi visitado por suas irmãs. Lamentando-se que já eram órfãs e que sem o irmão perderiam o seu amparo e sustento, convenceram-no a que fugissem os três, pois mais valia perecerem todos do que ficarem sem ele. Assim aconteceu, e puseram-se a caminho de Sevilha. Avisado, Daciano mandou persegui-los, tendo sido apanhados perto de Mérida, onde foram presos, despidos, maltratados e mortos à paulada e à pedrada. O texto é minucioso na descrição do martírio:“(…) com outros mui fortes paus dando fortemente sobre suas cabeças assim lhe lançaram os miolos fora”. Atiraram os seus corpos às feras num monte próximo, ameaçando quem os honrasse ou procurasse sepultá-los. Uma grande serpente que por ali costumava causar grande temor andava ao redor deles não deixando ninguém aproximar-se. Um judeu, demasiado ousado, “querendo ganhar fama” e ver os corpos mais de perto, foi apanhado pela serpente que nele se enroscou causando-lhe grande sufoco. Ao ver-se em tal aflição, prometeu converter-se a Jesus Cristo, enterrar os corpos dos mártires e construir uma igreja em seu nome. Imediatamente se viu livre da serpente e veio a cumprir o prometido.

É este em resumo o texto do *Flos Sanctorum*. Alguns pormenores, todavia, não seguem a lenda tradicional, contrariam até factos posteriores. Refiro-me à localização da sua fuga e conseqüente morte.

Em 1548, era publicado o *Breviário Eborense*⁵, mandado elaborar e redigir ao Mestre André de Resende pelo Cardeal D. Henrique (nomeado cardeal em 1545), primeiro arcebispo de Évora. O dia 27 de Outubro, dia da festa dos três santos mártires, além do ofício comum do dia e do tempo a ser recitado, inclui uma oração própria e as nove lições de

⁴ Ho flos sanctō[rum] em lingoaje[m] p[lor]tugue[s]. – Lixboa: per Herman de campis bombardero del rey & Roberte rabelo, 15 Março 1513. – [10], CCLXV, [2] f.: il. Disponível em <http://purl.pt/12097>. SOBRAL, Cristina – O Flos Sanctorum e suas adições portuguesas. *Lusitania Sacra*. 2.ª série, 13-14 (2001-2002) 531-568.

⁵ *Breviarium Eborense*. Lisboa: apud Ludovicum Rotorigium, 1548.

Matinas, em que, num latim fluente e apurado, se narra a lendária perseguição e martírio. Em linhas gerais segue o *Flos Sanctorum*, com maior colorido nos diálogos entre Daciano e Vicente e, sobretudo, pondo de lado a referência a Sevilha e a Mérida como caminho da fuga. Os mártires fogem sim para Ávila, em cujos arredores são martirizados, transformando-se depois nos patronos da cidade em que foram sepultados e que lhes ergueu um notável santuário começado a construir no século XI.

Não é, todavia, o sítio do seu martírio que causa qualquer divergência de opiniões, mas o da sua naturalidade. Segundo tradição espanhola, a Évora de que falam textos antigos não seria a portuguesa, mas a espanhola, como seria conhecida a actual Talavera de la Reina (Toledo). André de Resende procurou dirimir a questão a favor da sua cidade, como sempre fez em tudo o que fosse para dignificar e honrar a sua Évora natal. Em 1567 edita uma sua carta a Bartolomeu de Quevedo, em resposta a algumas questões que lhe teriam sido postas por aquele douto sacerdote toledano (*Epistola ad Bartholomaeum Kebedium. L. Andr. Resendii /pro sanctis Christi martyribus Vincentio Olisiponensi patrono, Vincentio, Sabina et Christetide, Eborensibus civibus, et quaedam alia Responsio. Ad Bartholomaeum kebedium, sanctae Toletanae ecclesiae sacerdotem, virum doctissimum*. Évora, 1567. Editada em fac-símile em 1988, com um profuso estudo introdutório, transcrição e tradução, pela Dra. Virgínia Soares Pereira). Entre dúvidas surge a da naturalidade dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, que Resende resolve a favor de Évora com uma argumentação cerada que se pode resumir ao seguinte, segundo a Dra. Soares Pereira: se o martírio dos santos foi, como se diz, no tempo de Daciano (303-304), só pode ter sido Évora e não Talavera, que é mais recente; as designações Eborá e Elborá, ambas antigas, uma correcta e a outra deturpada, são da mesma cidade: Évora; não há provas da existência de Elborá entre Toledo e Mérida; a distância entre Évora e Ávila não era impedimento para a fuga; o receio que Talavera fique sem nome não conta, pois já lhe foram atribuídos sete e só um é correcto: Talavera.

Aceitando ou não, ou Évora ou Talavera de la Reina, como terra de naturalidade dos três Santos Mártires⁶, o facto é que a partir de meados do século XVI se nota um grande incremento na sua devoção, mercê dos factores atrás apontados, e que se foi mantendo com oscilações até muito recentemente com o desaparecimento do seu altar próprio na Sé e com a desafecção ao culto da Igreja de São Vicente, hoje praticamente utilizada pelo município como galeria de exposições temporárias.

⁶ LAVAJO, Joaquim Chorão – Hagiologia de André de Resende e o Santoral eborense. *Eborensia*. Ano XIV, 27-28 (2001)153-157.

Iconografia – Como são representados

Até agora não se encontrou nenhuma representação dos irmãos mártires anterior ao século XVI. Para tal será necessário viajar até Ávila, ao magnífico sepulcro de São Vicente, do século XII, com um portentoso baldaquino também em calcário, do século XV. À volta do sarcófago, alinham-se em alto relevo as principais cenas da paixão dos três santos: Daciano exige que Vicente renegue a Cristo; Vicente é obrigado a sacrificar a Júpiter e deixa as pegadas na pedra; visita de suas irmãs à prisão; Daciano manda os soldados em perseguição; os três santos chegam às portas de Ávila; são detidos e despojados das vestes; martirizados; mortos por lapidação e subida das almas ao céu; o judeu e a serpente; o judeu preparando as sepulturas.⁷

Toda a obra denuncia um mestre escultor, com uma grande desenvoltura no desenho e composição das cenas, a proporcionar um forte realismo nas representações, evidente na crueza do martírio e ao mesmo tempo de grande ternura e compaixão. Tudo se traduz na grande eficácia da mensagem iconográfica, que alia a riqueza do pormenor ao objectivo catequético do conjunto, e que não tem correspondência nas posteriores representações eborenses.

Na zona de Évora, alguns lugares, que por serem denominados São Vicente poderiam indiciar a alusão ao mártir eborense, têm como referência o outro São Vicente, levita e mártir, popularmente chamado de “São Vicente dos corvos”. Assim, são muito poucas as representações conhecidas dos três santos mártires e podem organizar-se em dois grupos:

- *a imagem/“retrato” dos santos* – os três mártires são representados juntos, em corpo inteiro ou meio-corpo, em atitude gozosa de santificados. O centro é ocupado por São Vicente, ladeado pelas irmãs. Todos trazem a palma para serem identificados como mártires. Geralmente, São Vicente segura um livro fechado (aberto num dos casos), sinal da fidelidade à doutrina, e, por vezes, também as irmãs. Uma vez que a palma e o livro são atributos comuns à generalidade de todos os santos mártires, e que estes eborenses não possuem nenhuns outros mais específicos, costumam ser identificados com o próprio nome, em legenda, para que não restem dúvidas.
- *ciclo da paixão e morte* – apenas um exemplo na igreja eborense de São Vicente.

Do primeiro grupo são conhecidos os seguintes exemplares:

⁷ Sobre a história, iconografia, estudo e processo de restauro do sepulcro de São Vicente, em Ávila, ver o sítio <http://www.sepulcrosdesanvicente.es/iconografia.htm>.

Os santos mártires de Évora e Santo António. Paineis que ocupava o centro do retábulo da demolida Capela dos Santos Mártires de Évora, situada na parede lateral do lado da epístola da Sé de Évora. Representa os três mártires eborenses acompanhados de Santo António, figuras de corpo inteiro, em pé, num espaço campestre com grandes ruínas em fundo. Os três mártires, identificados inferiormente S. CHRISTETA, S. VINCENTE, S. SABINA, trazem a palma e São Vicente, entre as duas irmãs, segura um livro ligeiramente entreaberto com a mão direita, coberta pelo manto em sinal de respeito pelo texto sagrado, enquanto aponta com a esquerda. Todavia, a forma como aponta permite duvidar se o faz directamente para o livro, se para Santo António que, de hábito franciscano, com a cruz na direita e o livro aberto na mão esquerda, não necessita de outra identificação. Num caso ou noutro, é evidente o objectivo pedagógico e catequético da representação, embora não seja muito clara a inclusão de Santo António no retábulo da capela dedicada aos santos mártires de Évora, quando também ele tinha capela própria muito próxima e na mesma nave da catedral. A fidelidade à mensagem cristã, quer simbolizada no livro sagrado, quer personificada no douto pregador e confessor, é o principal e indubitável objectivo.

A pintura (óleo sobre madeira, 160 x 135 cm, inv. EV.SE.1.013 pin) poderá ser atribuída a um discípulo de Francisco de Campos, datável entre 1564 e 1570. O pintor revela um colorido aberto, composição de certa rigidez, embora eficaz, com um pouco valorizado tratamento dos fundos e sem a expressividade cenográfica habitual em Campos.

São Manços e outros seis santos. Pertence a um conjunto de quatro painéis, de composição e características semelhantes, que têm como figuras centrais São Miguel, São Brás, São Manços e São Sebastião, e que pertenciam a outros tantos altares da Sé.⁸ A figura principal, de corpo inteiro, domina o centro do quadro entre duas colunas de um pórtico coberto, com um fundo de paisagem. Lateralmente, abrem-se três nichos rectangulares de cada lado, perspectivados, cada um com seu santo, identificados pelas respectivas legendas, como se fossem prateleiras com bustos-relicários. Uma tal profusão de santos faz pensar na hipótese de representação iconográfica do Santoral eborense, que à época mantinha características muito específicas, quando liturgicamente ainda existia o “costume de Évora”, embora o Cardeal Infante D. Afonso, o último bispo de Évora, tivesse tornado obrigatório o “costume romano”, com aprovação do Papa Paulo III, em 1538.⁹

A tábuas de São Manços (205 x 152 cm; inv. EV.SE.1.003 pin) tem a acompanhá-lo de um dos lados Santa Marta, Santo Ivo e Santo Antão, eremita; do outro, os mártires eborenses São Vicente, Santa Sabina e Santa Cristeta. São Vicente ocupa o registo superior, rosto bar-

⁸ MENDEIROS, José Filipe – *Guia do Museu de Arte Sacra da Catedral de Évora*. Évora, 1985.

⁹ GUERREIRO, J. Alcântara – *Galeria dos Prelados de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 1971, p. 42.

bado e cabeça descoberta, a olhar para o livro aberto que segura na mão direita e com a palma na esquerda. Na moldura inferior, a legenda S. VICENTE.DEVORA. Segue-se Santa Sabina, de túnica azul e véu branco pela cabeça, empunhando a palma, e por último, igualmente com a palma, Santa Cristeta, colocada de perfil, cabeça coberta por um toucado recamado de gemas, trajada com um manto rosa, cuja mancha de tratamento bastante fruste ocupa boa parte do espaço.

Segundo Joaquim Oliveira Caetano, a datação será cerca de 1560 e a autoria deve atribuir-se a um pintor local, ainda não identificado, o mesmo que pintou os quadros do retábulo da ermida de São Brás, de Évora, que manifesta nítidas influências de Garcia Fernandes.¹⁰

Santos mártires de Évora. Predela. Com mais outras quatro pequenas tábuas faz parte de uma banquetta, hoje exposta no Museu de Arte Sacra da Catedral de Évora, e que, segundo Vítor Serrão, pertenceria a um “desmembrado ‘Sepulcro’ da capela-mor, uma obra opulenta que foi lavrada em 1588 pelos entalhadores Ascenso Fernandes e Gaspar Gonçalves, sob o risco do arquitecto régio Nicolau de Frias, e que foi pintada e dourada, em 1629, por uma companhia de pintores da cidade integrando os mestres Manuel Fernandes, Diogo Vogado, António Vogado e Pedro Nunes pelo preço excepcional de 600.000 rs.”¹¹ As tabuinhas representam Cristo e a Samaritana (central), o Profeta Elias e um Anjo, os santos mártires de Évora, Santo António que ressuscita um morto, e um Milagre de dois santos franciscanos. Os santos eborenses (17 x 39 cm, inv. EV.SE.1.022/2 pin), sem a legenda identificativa habitual, estão figurados de pé, São Vicente no meio das duas irmãs ligeiramente voltadas para ele. Todos seguram a palma e o livro.

Santos Mártires de Évora. Predela. Pertence ao retábulo de Nossa Senhora da Visitação, predela única (16 x 147 cm, inv. RE.SS.1.006/3 pin) da banquetta do altar colateral do lado da epístola, da igreja de Santa Susana, concelho de Redondo.¹² Os santos estão representados a meio-corpo, todos com a palma, São Vicente ao centro com o livro, em posição frontal, e as irmãs ligeiramente voltadas para ele. Identificados na parte superior do quadro: S. CRISTETA / S. VICENTE DEVORA / S. SIBINA (*sic*). Sobre fundo negro, as figuras destacam-se com um desenho seguro e modelação delicada, um colorido condizente com a qualidade do desconhecido pintor.

¹⁰ CAETANO, Joaquim Oliveira – Garcia Fernandes: Uma Exposição à procura de um Pintor. In SANTA CASA DA MISERICÓRDIA (Lisboa) – *Garcia Fernandes: Um Pintor do Renascimento: Eleitor da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: S.C.M., imp. 1998, p 74.

¹¹ SERRÃO, Vítor – Banqueta. In *Cristo Fonte de Esperança: catálogo: exposição do grande jubileu do ano 2000*. Porto: Diocese, 2000, p 322.

¹² ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1975.

Ciclo do Martírio e Morte dos Santos Vicente, Cristeta e Sabina. Quatro painéis do retábulo-mor da Igreja de São Vicente em Évora descrevem as principais cenas do martírio dos três santos. Organizado em banco, dois corpos, três tramos e ático, com painéis no banco, corpo superior e ático, e o corpo inferior com três nichos com as imagens dos santos mártires, que praticamente repetem em escultura os modelos pictóricos. O nicho central é ocupado por São Vicente, maior e melhor escultura do que as das duas irmãs, que, segundo Túlio Espanca, são posteriores e colocadas em nichos mais recentes a substituir antigos painéis. A tábu central representa Cristo expirante na cruz, e a redução do entablamento no tramo central vai permitir manter uma ligação mais perceptível com a tábu superior, já no ático, com a figura de Deus Pai.

As outras tábuas do retábulo constituem o ciclo da perseguição e martírio dos três santos eborenses: duas de maiores dimensões no corpo superior, de nítidas influências italianas, que já deviam estar colocadas em 1597 quando da Visitação de Mestre Gaspar, e duas pequenas predelas de menor qualidade e de aparente feitura posterior, possivelmente já do início do século XVII. A leitura sequencial faz-se a partir da predela do lado da epístola, subindo ao corpo superior e descendo pelo lado oposto:

1. Daciano ordena a Vicente que sacrifique a Júpiter. Cena que preenche o lado direito da tábu, vendo-se o governador Daciano, em cavalo ajaezado, voltado para Vicente de mãos atadas entre dois guardas, a apontar para a estátua de Júpiter que se ergue, à esquerda, sobre uma base circular a degraus. Junto à base do monumento, desenrola-se já a cena seguinte – dois soldados espantam-se com as pegadas do santo gravadas na pedra. Aliás, na capela-mor da igreja, embutido na parede do lado do evangelho, um bloco de granito mostra, gravadas, as pretensas pegadas, tornando assim palpável aos fiéis o facto miraculoso e, ao mesmo tempo, dando eficácia à representação pictórica.
2. A prisão de Vicente e a visita das irmãs. Do lado esquerdo do quadro, em primeiro plano, as duas irmãs voltam-se uma para a outra junto à janela da prisão em que aparece Vicente por detrás das grades. À direita, ao fundo, através de um grande arco de uma construção acastelada, avista-se a fuga dos três irmãos.
3. O martírio. Vicente, caído de joelhos e de mãos postas, é morto à paulada por dois algozes, perante as irmãs; de pé, junto dele, também de mãos postas, um grupo de pessoas.
4. Os corpos dos mártires e o judeu atacado pela serpente. Em primeiro plano, do lado direito, os corpos dos mártires caídos no chão, segundo a lenda em que foram atirados por terra num monte próximo. Salienta-se o corpo de São Vicente que veste

uma longa túnica vermelha. Todos estão vestidos de acordo com o local de culto e os costumes, ao contrário da lenda em que foram despídos e mortos. Do lado esquerdo, uma grande serpente enrosca-se à volta do corpo do judeu, que de braços abertos clama pelo socorro divino.

A leitura iconográfica deste ciclo da perseguição, martírio e morte dos santos eborenses, que incide sobre os pontos essenciais como a fidelidade à mensagem cristã até à morte e bem assim a salvação através do arrependimento e da fé, não ficaria completa se não fosse vista no conjunto do retábulo. Todo o ciclo rodeia e focaliza o Crucificado, o Mártir por excelência, o Salvador que se entregou voluntariamente até à morte na cruz, e que domina visualmente o centro do retábulo. Trata-se, portanto, de um programa iconográfico eminentemente catequético que, através do percurso dos mártires de Évora, conduz os crentes à compreensão do essencial da mensagem evangélica, razão de ser da fidelidade e do martírio.

Quanto à representação dos três santos, sempre juntos, referida no primeiro grupo, e que aparentemente não tem qualquer significado a não ser uma simples referência visual de alguém que existiu e que atingiu a santidade, julgo que passa a ter um sentido mais profundo e também catequético, se atendermos ao texto litúrgico que lhes é dedicado na sua festa própria, a 27 de Outubro.

O Cardeal D. Henrique, quando arcebispo de Évora, encarregou o seu capelão e cónego da Sé, Diogo Velho, de elaborar um novo missal. Feito o trabalho, foi enviado para o Cabido para que “o visse e o examinasse.” Porém, “antes que fosse visto faleceu o dito Diogo Velho. E o Cabido mandou que se guardasse em seu cartório.” Não chegou a ser publicado. Todavia, o texto, ao menos no que se refere à missa própria dos Santos Mártires Vicente, Sabina e Cristeta, se não era o já utilizado, passou a sê-lo. Para a epístola foi escolhida a passagem de São Paulo aos Efésios (4, 1-7), convite premente à unidade, “(...) graças à vossa vocação, fostes chamados a uma só esperança, um só Senhor, uma só fé (...).” Para o evangelho, um excerto de São Mateus (12, 46-50) em que Jesus explica quem são os seus verdadeiros parentes: “(...) todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é para mim irmão, irmã e mãe.” É sobretudo na oração, que traduzo, que tudo se torna mais explícito: “Deus que associaste os santos irmãos, teus mártires Vicente, Sabina e Cristeta, unidos pela caridade e pelo martírio, à confissão da Trindade divina, concede que, por sua intercessão, permaneçamos no verdadeiro amor e sempre na unidade da fé.”

Assim, a palavra litúrgica vai explicitar o profundo sentido da representação iconográfica. Não é relevante serem irmãos para o facto de serem representados sempre juntos, mas sim porque manifestam a mesma esperança, o mesmo amor na unidade da fé.